Remisson Aniceto



LEVA-ME CONTIGO,

A SENHORA S & OUTRAS HISTÓRIAS

> Editora Penalux Guaratinguetá, 2016

Gestação

Os opostos se atraem, dizem, mas para que tal máxima funcione com um casal devem existir afinidades que façam as combinações entre as necessárias divergências e as compatibilidades, deixando o saldo positivo para ambos. O que nos faz escolher um homem ou uma mulher, selecionar um ou outro para compartilhar o mesmo teto e conjugar a vida, é quando na pessoa escolhida descobrimos um pouco (ou muito) de nós e o que falta para nos completar. E então, naturalmente, percebemos que juntos nos sentimos melhor, que quando estamos sem o outro somos quando muito a metade, o que para a nossa vida já não faria sentido.

Foi como aconteceu com Murilo e Silvia quando se conheceram. Agora, após 10 anos, parece que as combinações se afrouxaram com o tempo, foram perdendo consistência, se extinguindo mesmo, para justificar aqui a atual relação do casal que, ao contrário de tantos outros e para

o bem de ambos, ainda assim não deixou de distribuir-se afeto, carinho, respeito, o mínimo comportamento que deveria fazer parte de todos os casamentos que se aproximam do fim. A transição, assim, ocorre na mais possível e necessária harmonia, ainda que as marcas continuem eternas, ainda que um ou ambos os corações permaneçam sofrendo.

A introdução acima é um trecho de Fecham-se as cortinas, uma das histórias de Leva-me Contigo, A Senhora S & Outras Histórias, livro que nasceu lentamente, sem a mínima pressa, quase a conta-gotas (ou seria melhor a conta-letras?), vindo cada conto a lume somente depois de medido e pesado, com todas as suas proporções minuciosamente calculadas para que pudesse se apresentar ao leitor da melhor forma possível. Esperando atender às expectativas de quem lê, transitando entre a seriedade e o humor e com uma linguagem clara e cadenciada, este livro apresenta uma seleção de histórias abordando variados temas do nosso cotidiano, como a vida e a morte, o amor e o desamor, a educação, a solidariedade, o casamento, a solidão, o abandono, a religião, a intolerância, a política, o futebol, a loucura, os sonhos, a infância, a amizade, a seca, a doença e muitos outros.

Leva-me Contigo é um dos contos e representa a súplica, o pedido de socorro ou de aconchego das pessoas

que estão doentes nos hospitais. Súplica, socorro e aconchego de que tratam também *A Senhora S* e O *São-pauli-no*, cujos protagonistas são esquecidos pelas suas famílias e pela sociedade. São textos que, entre tantos outros, nos alertam para os males que sempre estiveram bem visíveis aos nossos olhos: o descuido com a educação, a banalização da política, o descaso com que tratamos os idosos e todas as pessoas que vivem abandonadas pelas ruas. A ideia central do livro é conscientizar sobre a urgente necessidade de sairmos da nossa zona de conforto e unirmos esforços para o resgate da cidadania, dos direitos sociais e do respeito às liberdades individuais.

Nestes textos breves, porém intensamente carregados de emoção, *Leva-me Contigo*, *A Senhora S & Outras Histórias* sugestivamente pede colo e em seguida oferece abrigo, passando por tantos caminhos que fizeram, fazem e farão parte da vida de muitos de nós.

R. A.

O saco do morto

Durante treze anos o veterinário Roberto Assakawa foi o médico que cuidou da pequena Cherry, a cadela Poodle da minha família. Sempre que estava em nossa casa, ele nos falava sobre as curiosidades da sua profissão. Um dia, levou o corpo de um pequenino cão para cremar, a pedido da inconsolável dona e escondeu o cadáver em um saco de supermercado no banco de trás do carro. Deixou o veículo estacionado na frente de uma farmácia por alguns minutos e quando retornou o automóvel estava com a porta arrombada e o saco com o corpinho do cão havia desaparecido. Roberto ficou pensando qual explicação daria à sua cliente. O ladrão provavelmente pensou que aquele saco de supermercado continha doces, biscoitos e outras guloseimas. O médico riu, como se adivinhasse a expressão de surpresa e desapontamento do gatuno ao abrir o saco. Roberto não teve outra escolha a

não ser contar a verdade à dona do animal morto, pedirlhe desculpas e devolver o dinheiro pago pela cremação que não ocorreu.

Quanto à nossa querida Cherry, morreu já idosa, com quatorze anos, por conta de um infarto. Ela, que como eu (que dificilmente viverei o tempo equivalente ao que ela viveu), tomava diversos medicamentos todos os dias, quando começou a sentir fortes dores não conseguiu esperar a chegada do veterinário. Solicitamos ao médico que cremasse o seu corpinho de pelos alvíssimos como a neve e ninguém nos furtou esse desejo. Foi um grande sofrimento para todos nós, especialmente para o meu filho Bruno, então adolescente, mas que ainda era bebê quando recebemos a Cherry em casa, uma macia bolinha de pelos brancos com poucos dias de vida.

Foi exatamente em 9 de abril de 2008, mês em que também fomos abalados, porém levemente, com a notícia de um pequeno terremoto em São Paulo.

Cherry tinha o gênio forte, irascível mesmo. Precisávamos ficar atentos às suas mudanças constantes de humor, temendo que ela pudesse nos morder ou atacar as visitas a qualquer momento. Quando foi mãe, tivemos que doar, com dor no coração — porém não tanto quanto ela —, todos os seus cinco filhotes (beges, brancos, negros e mesclados), pois não havia como abrigar a ninhada inteira no pequeno apartamento. Ela demorou para se recuperar, se é que algum dia conseguiu. Imaginem como deve ser doloroso para uma mãe ver-se inesperada e definitivamente apartada das suas crias...

Hoje temos a prazerosa e necessária companhia de outra cadela, a Cacau (nome escolhido por minha neta Amanda, que a adora). Cacau é da raça Bull Terrier e tem os pelos verde-acinzentados, quase marrons, a cor do fruto que foi a inspiração para batizá-la. Completamente diferente da Cherry, Cacau é forte, robusta, estabanada, porém carinhosa, carente, brincalhona, de uma docilidade que contrasta com o seu porte e a sua aparência.

Dizemos que ela tem comportamentos de cachorro louco: de repente sai em disparada pelo apartamento inteiro, chocando-se com estrondo nas paredes, nas portas, derrubando o que estiver pelo caminho, numa forma de nos demonstrar a sua alegria; às vezes fica imóvel por vários minutos, olhando fixamente para o seu prato de ração, como se esperasse ver ali um suculento pedaço de frango cozido, alimento pelo qual ela até chora ao sentir o cheiro; outras vezes dá círculos e mais círculos muito vagarosamente, em câmera lentíssima, pelo vaso de plantas, como se estivesse hipnotizada, ou posta-se em posição de ataque,

com as ancas erguidas e a cabeça rente ao chão, como se espreitasse a vítima (nós), preparando-se para o bote. De súbito ela salta e nos lambe a boca, os olhos, as orelhas...

Assim como a Cherry, a Cacau, ou "boizinho", como a minha esposa a chama, sabe exatamente onde fazer xixi e cocô, lá no box do banheiro.

Somos, todos lá em casa, completamente apaixonados por ela, que retribui a todo momento, feliz e desinteressada, brusca ou delicadamente esta paixão.



www.editorapenalux.com.br www.remisson.com.br

- remisson8@yahoo.com.br
- f /penaluxeditora

